

Pluris 2006

Anais do

**2º CONGRESSO
LUSO BRASILEIRO PARA O
PLANEAMENTO
URBANO
REGIONAL
INTEGRADO E
SUSTENTÁVEL**

**27 a 29 de
Setembro de 2006
Braga, Portugal**

**José Fernando Gomes Mendes
Rui António Rodrigues Ramos
António Nélson Rodrigues da Silva
Léa Cristina Lucas de Souza
(Editores)**

ISBN 85-85205-67-9



9 788585 205676



pluris 2006

**PLURIS 2006, 2º Congresso Luso-Brasileiro para o
Planeamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável**

PROGRAMA

Universidade do Minho, em Braga, Portugal

27, 28 e 29 de Setembro de 2006

ESTRUTURA DO PROGRAMA

Dia 27, 4ª Feira

8:30 às 9:30	Recepção dos Participantes e Entrega de Documentação
9:30 às 10:00	Sessão de Abertura
10:00 às 11:00	Conferências Convidadas
11:00 às 11:30	Pausa para café
11:30 às 13:00	Sessões Paralelas 1 e 2
13:00 às 14:30	Almoço
14:30 às 16:00	Sessões Paralelas 3, 4 e 5
16:00 às 16:30	Pausa para café
16:30 às 18:45	Sessões Paralelas 6 (<i>Inclui Conferência Convidada</i>), 7 e 8
19:00 às 20:00	Verde de Honra

Dia 28, 5ª Feira

09:00 às 11:00	Sessões Paralelas 9, 10 e 11
11:00 às 11:30	Pausa para café
11:30 às 13:00	Sessões Paralelas 12, 13 e 14
13:00 às 14:30	Almoço
14:30 às 16:00	Sessões Paralelas 15, 16 e 17
16:00 às 16:30	Pausa para café
16:30 às 18:45	Sessões Paralelas 18, 19 e 20
20:00	Jantar do Congresso

Dia 29, 6ª Feira

09:00 às 11:00	Sessões Paralelas 21, 22 e 23
11:00 às 11:30	Pausa para café
11:30 às 13:00	Sessões Paralelas 24, 25 e 26
13:00 às 14:30	Almoço
14:30 às 16:30	Sessões Paralelas 27 e 28
16:30	Sessão de Encerramento

Sessões Paralelas

Qualidade do Ambiente Urbano Construído	Sessões Paralelas 1, 3, 6, 9, 18, 21, 26 e 27
Transportes e Mobilidade Sustentável	Sessões Paralelas 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28
Planeamento Urbano e Regional	Sessões Paralelas 5, 8, 11, 14, 17, 20 e 23
Planeamento Sustentável	Sessões Paralelas 2, 12, 15 e 24

(Nota: No Programa estão assinalados a negrito os autores das Comunicações Oraís inscritos como participantes)

Sessões de Posters

Qualidade do Ambiente Urbano Construído	28 de Setembro - 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30
Transportes e Mobilidade Sustentável	29 de Setembro - 09:00 às 13:00
Planeamento Urbano e Regional	27 de Setembro - 14:30 às 18:30
Planeamento Sustentável	28 de Setembro - 14:30 às 18:30

(Nota: No Programa estão assinalados a negrito os autores das Comunicações tipo Poster inscritos como participantes)

11:30 - SESSÃO 2

TEMA: PLANEAMENTO SUSTENTÁVEL

PRESIDENTE DA SESSÃO: António Guerreiro de Brito

SALA: Auditório B2

DURAÇÃO: 90 MIN.

PAPER048 - A SUSTENTABILIDADE APLICADA A CLASSIFICAÇÕES DE VIAS URBANAS

Ribeiro, P. e Pires da Costa, A.

PAPER051 - A UNIÃO URBANO-RURAL POR UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Nuno Guimarães

PAPER054 - A VIABILIDADE AMBIENTAL E O PROCESSO DECISÓRIO DE ATIVIDADES URBANAS

M. Montaña, V. E. L. Ranieri, M. P. Souza

PAPER151 - CONTRIBUIÇÃO AO DIAGNÓSTICO PARA O PLANEJAMENTO AMBIENTAL NO COMPLEXO DO BAÚ: SÃO BENTO DO SAPUCAÍ – SÃO PAULO. BRASIL

B. S. Barros, M. A. Gaiotto

PAPER173 - DESENVOLVIMENTO URBANO SUSTENTÁVEL DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHAS

Gustava Martins Marques

PAPER290 - MODULAÇÃO DE CICLOS DE VIDA DE DESTINAÇÕES TURÍSTICAS: O CASO DA ILHA DA MADEIRA-PT

D.F. Alvares e J.M. Lourenço

14:30 - SESSÃO 3

TEMA: QUALIDADE DO AMBIENTE URBANO CONSTRUÍDO

PRESIDENTE DA SESSÃO: José Fernando Gomes Mendes

SALA: Auditório B1

DURAÇÃO: 90 MIN.

PAPER030 - A ILHA DE CALOR EM BAURU-SP: AFERIÇÃO TÉRMICA E A PERCEÇÃO HUMANA SOBRE O PROBLEMA

P. M. Trentini e J. C. R. Rocha

PAPER033 - A INFLUÊNCIA DA CONFIGURAÇÃO URBANA NA QUALIDADE TÉRMICA DE ESPAÇOS EXTERNOS E INTERNOS: UM ESTUDO EM CONJUNTOS HABITACIONAIS VERTICAIS NO TRÓPICO ÚMIDO

S. C. Torres; G. M. Barbirato, T. A. Leal; C. Candido

PAPER056 - ABSORTÂNCIA SOLAR DE SUPERFÍCIES OPACAS E SEUS EFEITOS SOBRE MICRO-CLIMAS URBANOS

Kelen Dornelles, Maurício Roriz

MODULAÇÃO DE CICLOS DE VIDA DE DESTINAÇÕES TURÍSTICAS: O CASO DA ILHA DA MADEIRA-PT

D.F. Alvares e J.M. Lourenço

RESUMO

O principal objetivo deste artigo é apresentar um modelo que contribua para a sustentabilidade de destinos turísticos. Os estudos sobre modelos de ciclo de vida, especificamente Butler (1980) que desenvolveu a teoria do ciclo de vida da área turística, conhecida por TALC, e Lourenço (2003) que criou um modelo para áreas de expansão urbana são a base para a estruturação do modelo proposto. Ao modular ciclos de desempenho turístico, associados aos ciclos de planejamento, de investimento e de percepção da comunidade, almeja-se contribuir para a compreensão do turismo enquanto um processo contínuo e dinâmico. Pretende-se também com a modulação proposta e sua aplicação a Ilha da Madeira – Portugal, identificar o estágio de desenvolvimento das destinos turísticos, assim como o comportamento das variáveis ao longo de um período de aproximadamente 30 anos.

1 INTRODUÇÃO

O ciclo de vida, progressão de diferentes estágios de desenvolvimento em certo período temporal, é ferramenta relevante para monitorar diversas áreas do conhecimento. A modulação de ciclos de vida surgiu nos anos sessenta, especificamente na área da produção econômica. Esse instrumento analítico se expandiu a várias áreas, nomeadamente urbanismo, geografia, turismo e marketing, assim como a engenharia civil. Uma das vantagens dos ciclos de vida é que os mesmos permitem baixos custos de monitorização de processos e produtos, ao possibilitar maior controle do desempenho durante as distintas fases. No entanto, um dos problemas específicos encontrados por todos os campos do conhecimento é a carência de séries estatísticas.

O objetivo deste artigo é apresentar a metodologia de pesquisa da tese de doutorado, que está sendo desenvolvida na Universidade do Minho, assim como aprofundar questões relacionadas aos estudos de ciclo de vida e às análises sobre produto turístico. Desta forma, a evolução idealizada do desenvolvimento turístico representada pelo modelo será comparada com as dinâmicas turísticas ocorridas na Ilha da Madeira. Essa localidade foi escolhida como estudo de caso por: *(i)* ser considerada uma destino turístico há aproximadamente 100 anos; *(ii)* apostar no turismo de qualidade; *(iii)* dispor de fronteiras físicas bem delimitadas e fechadas para efeitos estatísticos.

O modelo tem a preocupação de considerar a complexidade inerente à atividade, para tanto as variáveis do modelo abarcam dimensões em perspectiva sustentável: econômica, social, ecológica, espacial e cultural (Sachs, 2002), acrescido do administrativo e político.

Na primeira parte do artigo, apresenta-se o estado da arte do ciclo de vida da atividade turística, designadamente os modelos de Butler (1980) e de Lourenço (2003), seguido da descrição do modelo proposto através das suas variáveis e respectivos indicadores. Finalmente, na terceira parte, apresenta-se a aplicação do modelo à Ilha da Madeira e as considerações finais.

2 ESTADO DA ARTE

Diversos estudiosos analisaram a atividade turística, oferecendo contribuições para a monitorização e a avaliação da mesma. Dentre essas, estão as teorias sobre o ciclo de vida do produto turístico que surgiram por volta dos anos 60 e estiveram, a princípio, diretamente relacionadas a análises econômicas. No entanto, sabe-se que os estudos sobre o ciclo de vida tiveram a sua origem nas ciências biológicas, como nas investigações sobre o ciclo de vida do ser humano.

Os modelos referentes ao ciclo de vida do produto são essencialmente similares, entretanto, varia o número de fases ou seus respectivos nomes. Tem-se como exemplo, um dos primeiros modelos estabelecidos, o qual era composto por cinco fases: pré-comercialização, introdução, crescimento, maturidade e declínio (Fox, 1973) e um outro, mais recente, no entanto com o mesmo número de fases e diferente nomenclatura: gestação, crescimento, difusão, maturidade e declínio (Hill e Jones, 1998).

Nos anos 60/70 foram desenvolvidas e adaptadas pelos estudiosos do turismo as teorias derivadas das análises de mercado, produto e indústria. A denominação *tourist area life cycle*, mais conhecida por TALC, surgiu na década de 60. Um dos pioneiros a desenvolver o TALC foi Christaller (1963), seguido de Fox (1973), Fuster (1975) e Butler (1980). Christaller(1963) estabeleceu a forma como as destinações turísticas se tornavam “algo na moda”, a partir da ida de artistas a determinados locais e a divulgação dos mesmos, por meio de pintores/poetas/cineastas. Para este autor, quando a destinação começa a ter um turismo de massa, ou seja, receber multidões, as pessoas que o divulgavam o deixam de fazer, e, logo em seguida, o destino se torna “fora de moda”. Enquanto Christaller possui uma análise descritiva, Fuster (1975) já consegue dividir as atividades turísticas em fases. Para ele o turismo atende um ciclo de vida subdividido em seis fases, a saber, “sem turismo”, “em crescimento”, “equilíbrio”, “saturação”, “dissolução” e “morte”. Nos anos 80, Butler adaptou os modelos de ciclo de vida do produto para o turismo e consolidou o ciclo de vida da área turística, TALC (Butler, 1980) – (figura 1), sendo ainda hoje, um dos modelos mais citados nas análises do turismo.

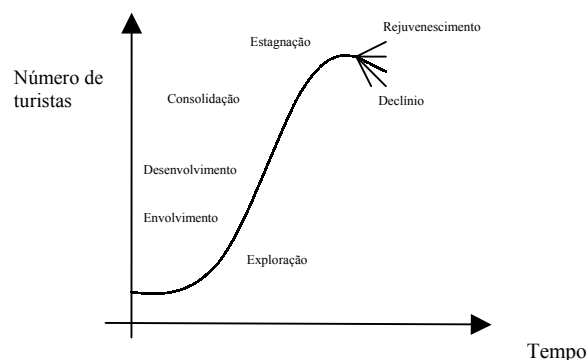


Figura 1: TALC – Butler, 1980 (tradução própria)

Para Butler, as variáveis consideradas eram relacionadas ao número de turistas em um determinado período de tempo, somatório esse que determinava as fases do turismo. As seguintes fases: “exploração”, “investimento”, “desenvolvimento”, “consolidação” “estagnação” e posteriormente “declínio” ou “revitalização” foram estabelecidas por este pesquisador, mas ainda não estão consolidadas do ponto de vista do enquadramento teórico do modelo do ciclo de vida da área turística (TALC). Vários autores propuseram algumas modificações relativamente ao número e à extensão das fases inicialmente propostas por Butler, o que pode ser observado até a atualidade, mas mantiveram o princípio de modular apenas uma curva associada ao desenvolvimento da atividade turística. Cita-se entre os pesquisadores que utilizaram modelos similares ao de Butler: Jain (1985), Haywood (1986), Knowles (1996), Russo (2000), Berry (2001) e Cooper (2002). De acordo com Cooper (2002) muitas destinações sabem de forma intuitiva em que fase do ciclo se encontram, mas é complicado mensurar. Consequentemente, é importante determinar indicadores que permitam analisar de forma mais aprofundada as destinações turísticas e realizar uma monitoração mais efectiva da sua fase de desenvolvimento.

O modelo de Lourenço (2003) está baseado no “quase modelo” de Holton que desenvolveu proposta meta-heurística para vilas em que havia o crescimento da mineração. A partir de Holton, Lourenço desenvolveu um modelo (figura 2) para áreas urbanas que permite a análise dos planos-processo do território. As curvas estabelecidas por Lourenço (2003) são exponenciais, como mostra a equação (1) e logísticas, conforme a equação (2), em que S representa a área de expansão e t, um período de tempo e associam três curvas relativas aos ciclos de planejamento, ações e vivência.

$$S(t) = a + b e^{ct} \quad (1)$$

Onde:

$$260 \leq a \leq 700; 0,002 \leq b \leq 0,16; 0,08 \leq c \leq 0,14.$$

$$S(t) = \frac{K}{1 + e^{a-bt}} \quad (2)$$

Onde:

$$1400 \leq K \leq 2000; 32 \leq a \leq 103; 0,016 \leq b \leq 0,05.$$

De acordo com Lourenço, o ciclo de expansão urbana é de aproximadamente 70 anos. Em seu modelo considera as intensidades dos ciclos em mínimo (I), médio (II) e máximo (III). Ao fazer um breve resumo deste, tem-se que, após 10 anos da produção do planejamento, a intensidade do planejamento diminui significativamente e chega ao nível mínimo, ao fim de 20 anos, atingindo um máximo, nesse mesmo período, o ciclo das ações. Após 40 anos do início da urbanização, observa-se de acordo com o modelo de comportamento ideal que a área atingirá um máximo de vivência, que decrescerá, a partir de 70 anos.

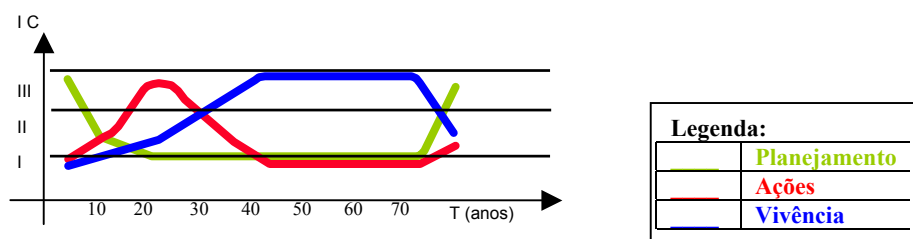


Figura 2: Modelo de Lourenço (2003)

O modelo de Lourenço permite uma maior apreensão dos processos de expansão urbana, o que contribui para um melhor monitoramento dos planos-processo e suas possíveis ameaças. Ressalta-se que o modelo não tem a intenção de realizar previsões, mas sim ser um instrumento que contribua para a gestão dessas áreas. A partir desse mesmo pressuposto e com enfoque na área turística, o modelo proposto está sendo desenvolvido.

Hernández e León (2003) desenvolveram também modelos de ciclo de vida, especificamente no âmbito do turismo natural, estendidos a processos, embora com aplicação prática apenas em uma das curvas em duas Ilhas (Gran Canária e Lanzarote). Conforme estes autores tem-se a curva logística do ciclo de vida do produto turístico (figura 3), onde a evolução do número de turistas $q(t)$ durante um período de tempo (t) determinam o nível de consumo.



Figura 3: Ciclo de vida do produto turístico, Hernández e León (2003)

As equações (3 e 4) estabelecem a curva logística que representa o ciclo de vida do produto turístico tal como definido por Hernández e León:

$$K = F(q^*) - C - A \quad (3)$$

$$X = -e(q^*, A) \quad (4)$$

Onde:

K: capital

X: recursos naturais

$F(q^*)$: função do ponto de saturação do número de turistas

C: consumo associado à prestação de serviços turísticos na economia local

A: gastos na proteção do meio ambiente

$e(q^*, A)$: função exponencial do ponto de saturação do número de turistas e dos gastos na proteção do ambiente

Esta curva possui semelhança com a curva do desempenho do modelo proposto, visto que as duas descrevem o crescimento do turismo, representado pela evolução do número de turistas. O modelo proposto ainda tem relação com o modelo referencial de Beni (1998), no qual estabelece o Sistema de Turismo, Sistor, que consiste nas relações estabelecidas entre os sistemas: relações ambientais (RA), organização estrutural (OE) e ações operacionais (AO). Ao descrever as relações existentes entre o modelo proposto e o de Beni (1998), observa-se que a **curva do planejamento** tem estreita relação com a superestrutura (E), subsistema integrante de OE que representa os órgãos públicos, as políticas, os programas, ou seja, o gestor do sistema turístico, sendo responsável pela organização da atividade e da infra-estrutura. Efetivamente, essa curva no modelo proposto visa analisar os planos, políticas e estudos elaborados pela administração pública. A curva do planejamento ainda possui ligação com o subsistema ecológico (A), visto que irá mensurar os estudos de capacidade de suporte, assim como os programas relacionados ao

ambiente. A **curva dos investimentos** está relacionada com o subsistema da infra-estrutura (F) que é necessário para estruturação da oferta turística, entre estas, a infra-estrutura de apoio ao turismo, a infra-estrutura básica e a infra-estrutura de acesso, também integrante de OE. Essa curva ainda possui ligação com o subsistema da oferta (H, I, J, K, L), pertencente a AO, visto que os investimentos públicos realizados seja em atrativos ou na infra-estrutura, será representado por esta. A **curva do desempenho** mensurará as ações operacionais, AO, em específico o subsistema da demanda (M, N, O, P, Q, R) e também com o subsistema econômico (C). Com esta curva é possível avaliar o aumento da demanda turística. A **curva da percepção da comunidade** está eminentemente representando os subsistemas: social (B) e cultural (D) – RA, pois avaliará as relações entre turista e comunidade e possíveis processos de aculturação.

3 MODULAÇÃO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

O presente modelo tem a intenção de possibilitar a análise e a monitorização de processos de desenvolvimento turístico e não apenas a identificação do ciclo de vida de um produto, designadamente o turístico, como foi efetuado na quase totalidade dos modelos de ciclos de vida. A partir do conhecimento dos processos como um todo, é possível realizar controles eficientes e, conseqüentemente, atingir metas de desenvolvimento sustentável traçadas para um destino turístico.

Para a elaboração do modelo foi adotada a seguinte metodologia: partiu-se do modelo de Lourenço e das análises de ciclo de vida para traçar o modelo proposto. Este contempla as variáveis analisadas por Lourenço, acrescida da variável percepção da comunidade. Essa nova curva foi acrescida, devido à necessidade de avaliar as relações sócio-culturais advindas da atividade turística. Ressalta-se que a nomenclatura vivência foi alterada para desempenho, entretanto tem a mesma função em análises distintas, ou seja, para Lourenço mostra o crescimento da ocupação da área urbanizável e no presente trabalho, representa o desempenho da atividade turística em determinado destino turístico. A mudança de nomenclatura se deve ao fato que a vivência da atividade turística remete a experiência do turista, sendo que a curva em questão não tem por objetivo realizar esta mensuração, mas sim a do crescimento turístico.

O modelo foi estruturado da seguinte forma: no eixo das ordenadas a variável *intensidade do ciclo* e no eixo das abcissas a variável *tempo*, além das variáveis: planejamento, investimento, desempenho e percepção da comunidade, com os seus respectivos indicadores, a seguir descritos nos pontos 3.1 a 3.4. O comportamento ideal das variáveis é estabelecido em 3.5 e as limitações do modelo no tópico 3.6.

3.1 Variável planejamento e indicadores

No que concerne ao planejamento (figura 4) tem-se os seguintes indicadores: número de planos, estudos (de mercado, de capacidade de suporte, entre outros na área do turismo) e políticas elaboradas. A princípio será realizada apenas uma quantificação dos mesmos, entrando com diferentes pesos percentuais associados a cada elemento de estudo, mas desde já, ressalta-se a preocupação com a parte qualitativa, que será objecto de análise em um segundo momento.

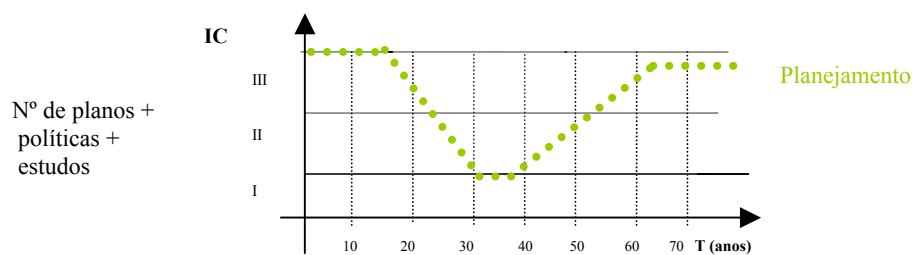


Figura 4: Ciclo do planejamento e indicadores

3.2 Variável investimentos e indicadores

Os investimentos (figura 5) serão mensurados através do indicador: capital público dispendido em infra-estrutura de apoio ao turismo, infra-estrutura de acesso, segurança, atrativos e divulgação. Esta análise será efetivada *per capita* tal como Hernández e León definiram, i.e. adicionando o número de habitantes ao número de turistas e homogeneizado a um ano de referência. A análise restringe o foco aos investimentos públicos, apesar de reconhecer a importância das ações privadas que já estão contempladas na curva do desempenho. Efetivamente os gastos públicos foram definidos como variável chave dos investimentos, pois este modelo será definido para posterior aplicação pelos órgãos públicos. A destinação do capital disponibilizado foi definido, a partir da observação dos equipamentos, estruturas e serviços utilizados pelo turista.

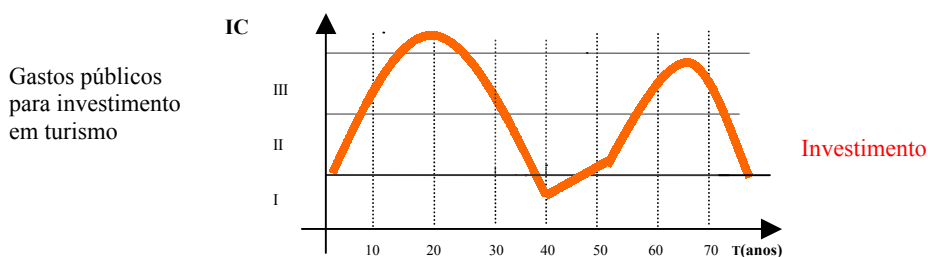


Figura 5: Ciclo dos investimentos e indicadores

3.3 Variável desempenho e indicadores

Para a curva do desempenho (figura 6) escolheu-se um indicador composto que é o número de camas multiplicado pela taxa de ocupação. Este reflete o crescimento do turismo não apenas em termos de ampliação do número de camas, mas sim em relação à ocupação dos mesmos. Esses indicadores foram escolhidos, visto que não lidam simplesmente com o aumento do número de turistas, como nos estudos de Butler, mas sim com uma relação oferta e demanda.

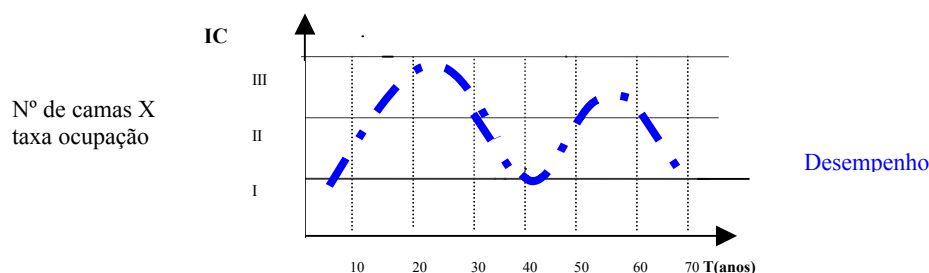


Figura 6: Ciclo do desempenho e indicadores

3.4 Variável percepção da comunidade e indicadores

A variável percepção da comunidade (figura 7) será medida através da opinião da mesma sobre o turismo. Em comparação com as demais, a curva da percepção da comunidade é a que se baseia em dados mais qualitativos. A análise de percepções é algo que permeia o subjetivo. A partir da sua percepção individual, o homem após atribuir significado a algo (objeto, fato, espaço) acrescenta ao seu mapa cognitivo (Del Rio, 1996). Avaliar a percepção é, portanto, um exercício de compreensão de aspectos ligados ao cognitivo, ao pessoal e ao intangível. Para avaliar a opinião da comunidade foram elaborados questionários, onde a metodologia de aplicação é a seguinte: amostra aleatória simples, composta de acordo com a proporção entre população masculina e feminina residente, onde os entrevistados serão abordados nas ruas da área central da cidade em questão. Em síntese, os questionários têm por objetivo mensurar a percepção do impacto do turismo na comunidade: os impactos (positivos e/ou negativos), eventuais mudanças ocorridas na localidade em um período de 20 a 30 anos. Objetiva-se ainda, observar se a comunidade percebe melhorias na qualidade de vida e como são sentidos os impactos da atividade. Conforme Cummins apud Mendes (1999), a qualidade de vida é percebida de forma subjetiva e também objetiva. Estabelece que a agregação dos setes domínios a seguir enunciados: bem-estar material, saúde, produtividade, intimidade, segurança, comunidade e bem-estar emocional; permitem medir a percepção de qualidade de vida.

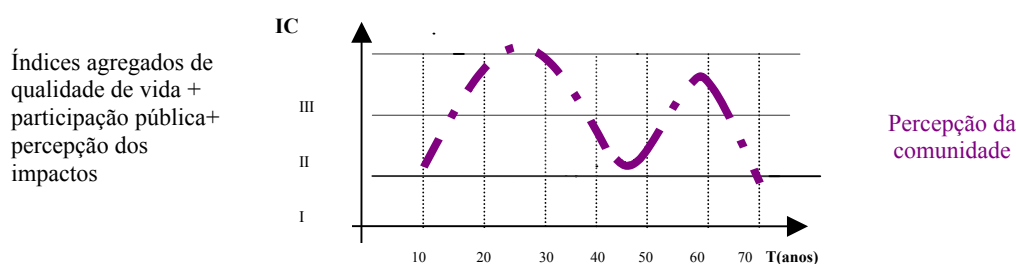


Figura 7: Ciclo da percepção da comunidade e indicadores

3.5 Análise do comportamento das variáveis

Apresenta-se, a seguir, as relações entre as componentes do modelo (figura 8) e as fases do ciclo de vida para áreas de desenvolvimento turístico. Na primeira fase, quando a atividade turística “começa a se desenvolver”, deve existir um grande esforço de planejamento, assim como injeção de capital para estruturar as destinações com o intuito de atrair o turista. A atividade começa a crescer lentamente e a percepção da comunidade acompanha esse crescimento.

Na segunda fase, o “turismo cresce”, mas o planejamento é ainda muito importante. Ao mesmo tempo, após cerca de vinte anos, o planejamento da atividade é consolidado. Nesse momento, o desempenho é mais intenso e os investimentos continuam aumentando. A percepção da comunidade continua acompanhando o crescimento da atividade.

Em um terceiro momento, ocorre a “estagnação ou declínio do turismo”, o planejamento, os investimentos caem até o nível mínimo e o desempenho, assim como a percepção da comunidade começam também a cair, chegando ao nível médio ou, eventualmente, ao nível mínimo. No entanto, após a terceira fase é possível fazer algo para “revitalizar o turismo”. Para tanto, é essencial planejar e investir novamente. Um novo esforço de

planejamento e novos investimentos são realizados, ao redor do 40º ano. A curva do desempenho começa a crescer novamente e a percepção acompanha esse novo ciclo.

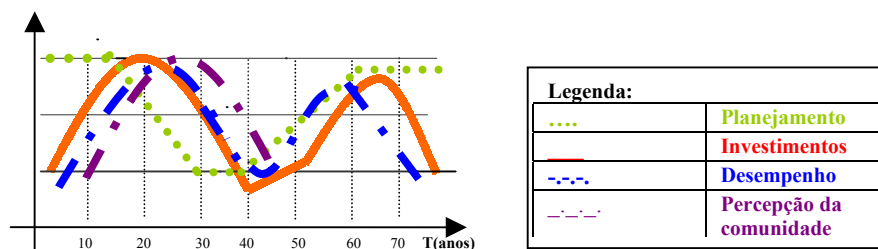


Figura 8: Modelo proposto para áreas de desenvolvimento turístico

Em contrapartida do modelo de Lourenço (2003), no qual os ciclos de expansão urbana são de aproximadamente 70 anos, os ciclos do turismo são mais curtos. A partir desta investigação, observa-se que estes ciclos se completam ao redor de 40 anos, tendo mais semelhança com os ciclos econômicos que são mais curtos, do que com os ciclos da urbanização.

3.6 Limitações da modulação

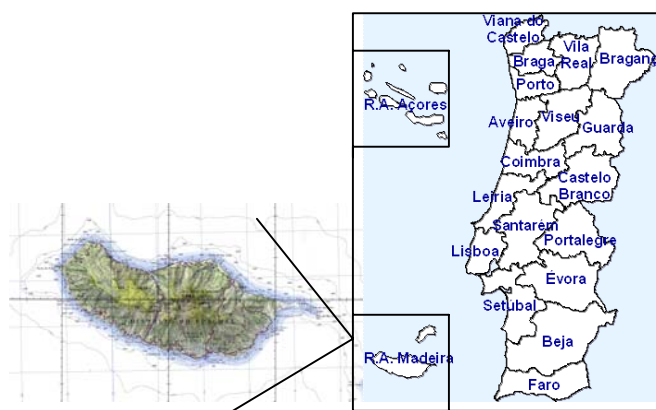
A falta de informações é, obviamente, uma das muitas limitações esperadas para aplicação do modelo proposto nas áreas de desenvolvimento turístico. Além disso, as estatísticas do turismo são seriamente afetadas pela dispersão da informação e disponibilização de dados. Outro agravante é realmente distinguir os dados que estão diretamente relacionados com o turismo, visto que os serviços, a infra-estrutura e os equipamentos são, muitas vezes, utilizados pelos habitantes do local. Por essa razão, é mais difícil estimar os gastos em turismo. É importante ressaltar também, a dificuldade em mensurar o real impacto do turismo na geração de postos de trabalho, devido ao efeito multiplicador da atividade, onde são gerados trabalhos diretos e indiretos com o incremento de outros setores da economia, que a princípio não possuem relação com o turismo.

Outra limitação do modelo está relacionada à dificuldade de mensurar a percepção da comunidade, em que se demanda que esta recorra a lembranças de longo prazo, superiores a 20 anos. Sabe-se que a memória, capacidade de evocação de um evento organizado, possui grande complexidade por ser difusa e não compartimentada. Como foi referido anteriormente, durante o pré-teste foi detectado que um número considerável de entrevistados, i.e. 30% teve dificuldade em responder a questão relativa a análise do turismo há 20 anos atrás. Essa problemática ocorreu em todas as faixas etárias entrevistadas.

Sabe-se que o ideal seria fazer esta análise em 30 anos, como as demais curvas, mas ressalta-se outra limitação do modelo relativa a memória de longo prazo. As pessoas têm maior dificuldade de lembrar de fatos ou acontecimentos negativos (Foddy, 1993), portanto há uma probabilidade destas terem uma visão deturpada e até mesmo, muitas vezes, idílica do desenvolvimento turístico há anos atrás. Esta hipótese explicativa confirmou-se no âmbito do pré-teste.

4 MODULAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA ILHA DA MADEIRA

O arquipélago da Madeira, composto pelas ilhas da Madeira e de Porto Santo, localiza-se no Oceano Atlântico ao largo da costa ocidental da África, entre as Ilhas dos Açores e as Ilhas Canárias. Os diversificados atrativos turísticos da região, as ricas tradições culturais, o vinho produzido na região, associados a temperaturas amenas e a qualidade das acomodações hoteleiras, fazem da Madeira a terceira destinação em Portugal, após Lisboa e o Algarve.



Mapa 1: Portugal, em destaque a Ilha da Madeira.

Apresenta-se, a seguir, um breve relato sobre as variáveis em estudo, onde as curvas que representam planejamento, investimento e desempenho foram traçadas após a recolha dos dados para o período de 30 anos (1975-2005), enquanto a curva percepção da comunidade tem como análise um período de 20 a 30 anos e como método de estudo a aplicação de questionários, atualmente em fase de pré-teste. No que concerne o planejamento do turismo na Ilha da Madeira, é importante enfatizar que esta é uma das poucas regiões portuguesas que tem um Plano de Ordenamento do Turismo (DR nº 17/2002/M), POT. Alguns esforços de planejamento local começaram em 1930, com a criação da Delegação de Turismo da Madeira, no seguimento da Comissão de Turismo, que se transformou em Secretaria Regional do Turismo em 1978. Observa-se que o ciclo do planejamento para a Ilha da Madeira teve um crescimento de intensidade, a partir de 1978. No final dos anos 80, início dos 90, a intensidade continua a crescer, fato este relacionado às políticas de planejamento em Portugal terem grande importância neste período. O ciclo atinge o auge com o lançamento do POT em 2002. Atualmente, o ciclo encontra-se em declínio, passando da intensidade máxima para média.

Em relação aos investimentos públicos, referentes às informações disponibilizadas, observa-se que foram alocadas verbas em infra-estrutura, equipamentos e marketing. A renovação do aeroporto do Funchal, no ano de 2000, significou um grande investimento de capital na Ilha da Madeira, diretamente relacionado à atividade turística. Houve ainda investimentos relevantes, embora de menor dimensão financeira, como em 2004, o Balão Panorâmico idealizado e construído pela Câmara Municipal e a nova *home-page* da Ilha da Madeira; em 2005, onde destaca-se a requalificação de caminhos pedonais.

A intensidade do ciclo do investimento foi gradativamente aumentando de 1975 a 2000, período que culminou com grandes investimentos de remodelação do aeroporto do Funchal. Nos últimos anos, a intensidade do ciclo ainda é alta, mas pelo número de

investimentos realizados e amplitude dos mesmos, avalia-se que começou a decrescer a partir de 2005. O ciclo do desempenho, representando o crescimento do turismo, pode ser avaliado pelos indicadores da oferta. As estatísticas demonstram que houve um grande crescimento entre 1975 e 1990. Desse período até 2005, observa-se o aumento de turistas até o patamar mais alto. O tráfego de passageiros no aeroporto teve um crescimento de 100% entre 1989 e 1990.

Dados disponíveis sobre a oferta de acomodação permitem uma modulação numérica para o período constatando-se que o número de camas triplicou nos últimos 30 anos (tabela1).

Tabela 1: Acomodação Turística na Madeira – 1975 a 2000

Anos	Nº de camas	Taxa de ocupação	Nº de camas X taxa de ocupação
1975	8.433	52.0%	4.385
1990	13.419	75.9%	10.185
2000	24.520	64.8%	15.889

Fonte: Trabalho próprio sobre elementos fornecidos pela Direcção Regional de Estatística da Madeira

Conclui-se que a relação entre número de camas e a taxa de ocupação possui uma razão positiva no decorrer dos anos. Fato, este, que permite concluir que o ciclo do desempenho do turismo na Madeira está em expansão. De acordo com o POT da Madeira há uma meta de que até ao ano de 2012, a capacidade de alojamento turístico para a Região Autónoma da Madeira atinja 39.000. Considerando uma taxa média de 70% de ocupação, tem-se o limite do desempenho para a Ilha da Madeira até 2012.

A aplicação do modelo proposto a Madeira, no período de 30 anos (1975-2005), pode ser traçado graficamente (figura 9). As variáveis do modelo, a partir de 1975, tiveram o seguinte comportamento: o desempenho teve um aumento acelerado, os investimentos tiveram a sua faixa de pico com a expansão dos aeroportos por volta do ano de 2000 e o planeamento teve o maior nível de intensidade em 2002 com o lançamento do POT.

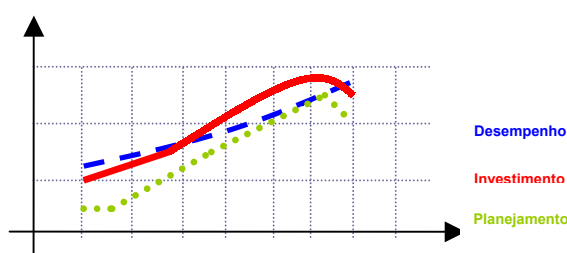


Figura 9: Aplicação do modelo proposto a Ilha da Madeira

Alguns dados preliminares do final de 2004 apontam para uma tendência ao declínio do turismo. Esta constatação é confirmada por um estudo da Direção Geral de Turismo – D.G.T, no qual classifica a Madeira na posição de índices de debilidade de 2000 a 2005. Desta forma, estabelece-se a hipótese que um novo esforço de planeamento e investimentos em marketing deverá ser realizado na Ilha da Madeira com o intuito de reverter essa situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação do presente modelo com outros, entre eles o divulgado por Fuster (1975), Jain (1985), Knowles (1996), Beni (1998), Cooper (2002) e Hernández e León (2003), assim como a incorporação do modelo para áreas urbanas de Lourenço (2003), convergem para uma hipótese de trabalho bem sucedida. A partir destes estudos, almeja-se realizar uma investigação na qual se alia base conceitual com a aplicação concreta do modelo, contribuindo para uma maior integração entre teoria e prática de ciclos de vida do desenvolvimento turístico.

A presente modulação na Ilha da Madeira permite algumas considerações, i.e. houve um planeamento tardio da atividade, enquanto já havia investimentos na área turística; mesmo tendo havido crescimento do turismo no período em estudo detectaram-se evidências recentes da redução da atividade turística.

A partir dos resultados obtidos, há maior possibilidade de monitorar e realizar o controle eficiente da atividade turística nas nas destinações. O estudo de caso evidencia que a aplicação do modelo proposto poderá ser um instrumento que contribua para a minimização antecipadora das flutuações a que qualquer ciclo de desenvolvimento está sujeito. As atitudes pró-ativas e/ou a ação eficiente da administração pública e dos privados sob as ameaças identificadas, contribui para minorar os problemas relativos à oferta e à demanda turísticas. Portanto, as análises de ciclo de vida do turismo fornecem subsídios para a gestão pública, ao dar embasamento para que esta possa agir de forma consciente, em prol de processos sustentáveis e em busca de resultados mais satisfatórios para o segmento.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer o apoio do *Programa ALBAN da União Europeia* concedido a Daniela Alvares no âmbito da bolsa de estudo nº E04D046026.

REFERÊNCIAS

Baptista, J. M. L. (2005) **A evolução do turismo na Madeira no período 1975 a 2000: Análise dos indicadores estatísticos disponíveis e graus de interesse e de fiabilidade na medição e projecção da evolução do sector do turismo.** Funchal.

Beni, M. C. (1998) **Análise Estrutural do Turismo.** 2 ed. São Paulo: Editora Senac.

Berry, E. N. (2001) **An application of Butler`s(1980) Tourist Area Life Cycle Theory to the Cairns Region, Australia 1876-1998.** Tese de doutorado.

Butler, R. (1980) "The Concept of a Tourist Area of Life Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources". *Canadian Geographer*, 19 (1): 5-12

Christaller, W. (1963) Some considerations of tourism location in Europe: the peripheral regions underdeveloped countries recreation areas. **Papers of the Regional Science Association**, 12:95-105.

Cooper, C. (2002) Sustainability and tourism visions. **VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública**, Lisboa, Portugal, 8-11. Acedido em 02/06/2005 from <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/CLAD/clad0044548.pdf>

Decreto Legislativo Regional n.º 17/2002/M (2002) **Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira**. Publicado no Diário da República, n.º 199 serie I-A.

Del Rio, V. (1996) *Percepção ambiental*. São Paulo e São Carlos, Studio Nobel. Editora da UFSCar.

Finn, M.; Elliot-White, M.; Walton, M. (2000) **Tourism & Leisure Research Methods: data collection, analysis and interpretation**. Pearson Education.

Foddy, W. (2002) **Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários**. Segunda reimpressão. Celta editora, Oeiras.

Fox, H. (1973) A framework for functional coordination. **Atlanta Economic Review**, 23(6): 8-11.

Fuster, F. (1975) **Teoria y Técnica del Turismo**. Editora nacional.

Ghiglione, R.; Mitalon, B. (1997) **O inquérito: Teoria e Prática**. Terceira edição. Celta Editora, Oeiras.

Haywood, K. M. (1986) "Can the Tourist Life Cycle Be Made Operational?" *Tourism Management*, 7: 154-67.

Hernández, J. e León, C. (2003) Endogenous Lifecycle and Optimal Growth in Tourism. International Conference: **Tourism and Sustainable Economic Development Macro and Micro Economic Issues** Acedido em 15/02/2006 <http://www.crenos.it/crenos/PDF>

Hill, C. e Jones, R. (1998) **Strategic management theory: An integrated approach**. 4th ed. Boston: Houghton Mifflin Company.

Jain, S. C. (1985) **Marketing Planning and Strategy**. South Western Cincinnati.

Knowles, T. (1996) **Corporate Strategy for Hospitality**. Longman, Harlow.

Lourenço, J. (2003) *Expansão Urbana Gestão de Planos-Processo*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e FCT (MCES).

Mendes, José. (1999) **Onde Viver em Portugal: Uma análise da qualidade de vida nas capitais de distrito**. Ordem do Engenheiros, Coimbra.

Russo, A. P. (2000) The "vicious circle" of tourism development in heritage destinations. **40th Congress of the European Regional Science Association**.

Sachs, I. (2002) **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Garamond, Rio de Janeiro.

Secretaria Regional do Turismo e Cultura (2005) Direcção Regional do Turismo. **Estatísticas do turismo**. Acedido em 14/07/2005 from www.madeiratourism.com